

RESENHA

ARAÚJO, Estélio Mamedes de; VIEIRA, Valéria Maria de Oliveira; GUERRA, Alessandra de Lima e Reis. Fenomenologia da percepção e representações sociais. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 220-239, mar. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v9i3.8796>

Anna Júlia Schoab Giebeluka¹

O artigo de Araújo, Vieira e Guerra (2023) inicia a partir de uma questão essencial, como compreender o modo pelo qual os seres humanos percebem e significam o mundo em que vivem, para responder a essa questão, os autores recorrem a Merleau-Ponty e a Moscovici, apontando a convergência entre o pensamento fenomenológico e a teoria das representações sociais, a fenomenologia da percepção entende o conhecimento como relação viva entre sujeito e mundo, recusando a ideia de um observador neutro, do mesmo modo, Moscovici rompe com o modelo objetivista das ciências tradicionais ao reconhecer que todo conhecimento é socialmente produzido e mediado por símbolos.

A principal contribuição do artigo está em demonstrar que percepção e representação são dimensões complementares da experiência humana, para Merleau-Ponty, perceber é participar do mundo, e toda percepção está carregada de sentido, para Moscovici, representar é transformar o real em imagens compartilháveis, que permitem a comunicação e a construção de consensos, ambas as perspectivas reconhecem que a realidade não é um dado fixo, mas um campo de significações em constante transformação.

Do ponto de vista da psicologia clínica, essa compreensão tem implicações profundas, a prática clínica não pode se limitar à interpretação de sintomas ou à aplicação de técnicas padronizadas, ela exige abertura fenomenológica, através da suspensão dos preconceitos e de teorias prévias, e exige ainda sensibilidade para

¹ Bacharel em Psicologia. Faculdade Sant'Ana. E-mail para contato: annajuliaschoabgiebelukapsico@gmail.com

captar o modo como cada sujeito percebe e representa o mundo. A escuta clínica torna-se, então, um ato de presença e de coo percepção, onde o terapeuta se aproxima da experiência do outro sem pretensão de explicá-la, mas buscando compreendê-la em sua singularidade e contexto.

Ao incorporar a teoria das representações sociais, a clínica amplia seu horizonte, o sofrimento psíquico deixa de ser visto apenas como expressão intrapsíquica e passa a ser entendido como fenômeno situado, permeado por discursos sociais, culturais e históricos, dentro da sua singularidade, as representações de gênero, família, corpo, sucesso, espiritualidade ou normalidade influenciam diretamente a forma como os sujeitos narram suas dores e constroem suas identidades, assim, a intervenção terapêutica implica também uma escuta crítica dessas narrativas coletivas que atravessam esse indivíduo.

A integração entre fenomenologia e representações sociais também propõe um modo ético de estar com o outro, na perspectiva merleau-pontyana, a relação terapêutica é um encontro entre duas consciências encarnadas, um espaço intersubjetivo em que ambos, terapeuta e paciente, se transformam, Moscovici complementa essa visão ao mostrar que essa intersubjetividade se insere em um campo simbólico mais amplo, onde os sentidos circulam, são negociados e ressignificados. O psicólogo, portanto, é mediador de sentidos, ele ajuda o paciente a reconhecer as estruturas sociais que moldam sua percepção, ao mesmo tempo em que o convida a reconstruir novas formas de ver e sentir o mundo.

A clínica fenomenológica, inspirada nessa leitura, distancia-se das práticas normativas e aproxima-se de uma postura existencial, que acolhe o sofrimento como expressão legítima da condição humana, o terapeuta fenomenológico não busca corrigir comportamentos, mas favorecer a tomada de consciência e a ampliação da experiência, quando unida à teoria das representações sociais, essa prática se torna politicamente sensível, pois reconhece que o sofrimento não surge no vazio, mas é atravessado por desigualdades, valores e expectativas sociais.

Do ponto de vista epistemológico, o artigo reforça uma psicologia que se pensa enquanto ciência humana, compreensiva, dialógica e situada, tal posição desafia a lógica positivista ainda presente em parte da formação psicológica e aponta para uma clínica comprometida com a complexidade da vida; a fenomenologia oferece o método

da descrição e da redução, as representações sociais oferecem o olhar para o contexto e para o sentido coletivo, juntas, formam uma base sólida para compreender o sujeito como um ser em movimento entre o mundo vivido e o mundo compartilhado.

Em síntese, a leitura do artigo *“Fenomenologia da Percepção e Representações Sociais”* revela uma proposta de integração entre duas correntes que, embora distintas, convergem na defesa de uma psicologia centrada na experiência; para a prática clínica, essa integração não é apenas teórica, ela se traduz em uma escuta mais ampla, que acolhe o singular sem perder de vista o social, onde o psicólogo torna-se, então, alguém que acompanha o outro em sua jornada perceptiva e simbólica, ajudando-o a construir novos sentidos para existir.

Recebido em 05/11/2025

Versão corrigida recebida em 30/11/2025

Aceito em 02/12/2025

Publicado online em 10/12/2025